

## O que fica depois do fim

*Stamberg José da Silva Júnior<sup>1</sup>*

Há tempos não escrevo. A poesia em mim está agridoce. Está incompleta, assim como eu. O vazio, agora, é nas palavras. O silêncio que eu tanto impus a mim mesmo gerou uma ausência na melodia desarmônica daquilo que digo. Não é bem uma dor, talvez não seja nem sofrimento, é apenas uma... Talvez eu não tenha um vocábulo coerente e definidor. O real limita os sentimentos. As palavras são apenas abismos gnosiológicos. Não me dou ao trabalho de ter que racionalizar aquilo que já não tenho mais vontade de falar. Se tenho horizontes?

Deixei o porta-retrato no chão. Não estava quebrado, mas também não estava inteiro. As recordações - que em alguns momentos trazia algum tipo de sensação - já não me causavam afetos. Ainda estava vivo? Existir parecia ser um protesto veemente contra o deserto.

Já sabia que era serpente, que era borboleta, que era um gato, que era um lobo da estepe, que era uma ave de rapina. Já reconhecia a beleza das representações simbólicas, semânticas e filosóficas de cada animal em sua vida. Mas naquele momento não era nenhum deles. Não era nem mesmo um verme ou um vírus qualquer - desses que assolam a humanidade de tempos em tempos. Tempo. Não era nem mesmo uma barata kafkiana, lispectoriana ou um camundongo dostoevskiano. Não era nada. Talvez fosse algo: as olheiras que carregava. Quem em sã consciência consegue dormir?

Sentei-me no trono do qual sempre fora rei. A dispepsia era a melhor amiga: jamais abandonara. A insuficiência daquilo que era já não importava tanto. Os excrementos ficaram para trás, mas ainda estão aqui. Todos os dias saem e voltam. É antropofágico o processo de digerir a si. Digerir a si e aos outros... Deixei para ser inimigo do tempo outro dia. Refluxos.

Até mesmo o ódio que alimentara como antídoto havia sumido. Quando os diamantes deixaram os ossos?

Me deixem só! Já disse: sou só! Ah, que mansarda quererem que eu seja, fale e pense como todo mundo!

Desci pelos vales longínquos. Ao redor, os tons escuros me submergiram para dentro de mim. Tinha a convicção de que fora o meu próprio eu quem me colocara ali. As têmeoras molhadas pela chuva que os olhos trouxeram, já não discernem a que ponto havia chegado. Onde estava? Era inverno ou outono? Parou. A distinção entre um e outro não estava fixada no gregoriano: o medo me cegara? Não, não era medo. Era angústia: a única certeza de que tinha era do fim. A vida era uma página em branco ou era um script cujo roteiro podia ser levemente alterado? Ou não era nem uma coisa nem outra: apenas círculo infinito que repete, repete e repete. Voltar no tempo?

Viajante do tempo. Navego nele. Era o fim, sim. Mas para um novo começo. Aceitou a destruição daquele universo. Temeroso, não sabia o que viria: mas queria que viesse. Deixou-se ser devir.

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: stambergjunior@gmail.com